

# Da Perspectiva da Sociologia da Literatura: Henrique de Senna Fernandes — Um Escritor por Si Próprio

JOSÉ CARLOS VENÂNCIO\*

**RESUMO:** Henrique de Senna Fernandes (HSF) continua a ser o escritor macaense mais prolífero e é, de todos quantos têm tido Macau como referente de escrita, o mais representativo do território na sua especificidade histórica e cultural. O presente ensaio, seguindo procedimentos metodológicos próprios da sociologia da literatura, é uma viagem pela obra de HSF, confrontando-a com tradições literárias representadas no território, para as quais a obra igualmente remete. No exercício deste processo analítico, procurou-se averiguar, adicionalmente, a virtualidade do paradigma pós-colonial, ora em voga nas ciências sociais e humanas na análise da respectiva obra, de que se concluiu que tal paradigma, dada a especificidade do território e a sua influência nos processos de escrita, seria de pouco préstimo para a avaliação da obra literária de HSF. Do processo analítico globalmente considerado, pôde-se assim concluir que a escrita de HSF não é redutível a qualquer das tradições literárias em apreço. HSF é um escritor que, no cômputo do que se poderá considerar como literatura universal, vale por si próprio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura macaense; Lusofonia; Pós-colonialismo; Sociologia da literatura.

## INTRODUÇÃO

Henrique de Senna Fernandes (HSF), sendo o mais prolífero dos escritores de Macau, é um dos grandes ficcionistas das literaturas que se exprimem em língua portuguesa; é-o, apesar de não ter sido autor de uma obra propriamente vasta. Dela constam três romances, *Amor e Dedinhos de Pé* (1986), *A França Feiticeira* (1993), *Os Dores* (2012), romance inacabado postumamente publicado, o livro de contos

*Nam Van: Contos de Macau* (1978), o livro de teor memorialístico e autobiográfico, *Mong-Há* (1998) e o livro de crónicas, *Cinema em Macau* (2010). A obra está plasmada em pelo menos quatro géneros (ou sub-géneros) literários: no romance, no conto, na crónica e na memória literária, sendo que, com a exclusão dos romances, os restantes géneros surgem, muitas vezes, mesclados. Em qualquer deles, a cidade de Macau, tal como o autor a viveu ou sobre ela ouviu contar

\* José Carlos Venâncio, professor catedrático jubilado da Universidade da Beira Interior e investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

*José Carlos Venâncio, retired full professor of Sociology at the University of Beira Interior and researcher at the Communication and Society Research Centre of University of Minho.*

estórias, surge como o principal referente discursivo. Torna-se, conseqüentemente, o escritor por excelência da condição macaense. Este termo, no seu sentido restrito, é reportado à comunidade bio-culturalmente mestiça que se formou em Macau a partir do século XVI, envolvendo, pelo menos, três componentes étnicas: a dos portugueses (metropolitanos), a das pessoas oriundas de outras partes da Ásia do Sul que não a China e, naturalmente, as oriundas da China. Para além de valores, vivências e hábitos, em muito associados ao catolicismo professado, a comunidade desenvolveu ainda um idioma, um crioulo, o patuá macaense, por meio do qual pôde reforçar a sua consistência e projectar a sua identidade.

### 1. O CAMPO LITERÁRIO E O *HABITUS*

Macau, enquanto mercado livreiro em língua portuguesa, apresenta fragilidades que decorrem da demografia (número de leitores) e do facto de as comunidades residentes terem vivências separadas, em grande parte por desconhecerem, na sua plenitude (escrita e oralmente), os idiomas uns dos outros. Assim, escritores chineses de Macau raramente interagem, em termos literários (troca de ideias, experiências estéticas e gostos), com os seus colegas macaenses ou, ainda, com os escritores portugueses residentes no território. Perante esta exiguidade que o próprio reconheceu numa das entrevistas<sup>1</sup> que lhe fiz, torna-se difícil avaliar a obra de um escritor do alcance de HSF apenas em função desse contexto, i.e., do que se poderá designar como campo literário macaense, entendendo este termo num sentido alargado, referindo, nessa acepção, tudo o que se relaciona com o território. O presente ensaio debruçar-se-á igualmente sobre duas outras hipóteses de indexação da obra em apreço: a tradição literária portuguesa, mormente a sua vertente orientalista, e a tradição literária que, na falta de melhor termo, designaria por lusófona, entendendo-a como a soma das experiências de escrita em língua portuguesa perpetrada por aqueles que estiveram sob a dominação



Fig. 1: Retrato de Henrique de Senna Fernandes. Arquivo da família Senna Fernandes.

portuguesa e, muitas vezes, não tiveram, e não têm, o português como língua materna.

A análise de qualquer destes processos de indexação, mormente dos dois últimos, confronta-se hoje com o chamado paradigma (conceito devido ao sentido que Thomas S. Kuhn lhe imprimiu)<sup>2</sup> pós-colonial que tem vindo a ganhar expressão junto de instâncias culturais do Ocidente, mormente nas antigas metrópoles, condicionando o gosto e a crítica de natureza estética. Recorrendo ao princípio da falseabilidade de inspiração popperiana, procurarei, assim, confrontar a escrita de HSF, no que ela tem de mais genuíno, com o pós-colonialismo e daí aferir do alcance estético e da actualidade da mesma.

A análise enquadra-se, em termos metodológicos,

## COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

na sociologia da literatura, sem que esta opção signifique qualquer desmerecimento da componente estética ou, mais concretamente, dos critérios que permitem aferir da qualidade estilística do escritor. Se esta questão foi, desde o surgimento das primeiras abordagens do texto literário sob a perspectiva sociológica, um ponto de discórdia, dividindo, por um lado, críticos e teóricos da literatura e, por outro, sociólogos e eventualmente antropólogos e historiadores, essa tensão tem vindo a dissipar-se perante o contributo de Pierre Bourdieu que, conciliando estruturalismo e marxismo, propôs os conceitos de campo, desta feita, literário e de *habitus*.<sup>3</sup> Embora o primeiro destes conceitos, seguindo a tradição sociológica positivista, continue a entender, na sua vertente económica, a obra literária ou artística como um objecto plausível de ser olhado como mercadoria, não descarta, na sua vertente simbólica, a dimensão estética da obra, a sua auto-referencialidade, i.e., a possibilidade de a mesma não reproduzir mecanicamente o contexto social da sua emergência, entendimento este caro aos críticos literários e aos teóricos da literatura.

O campo literário, entendido como um todo sistémico, encerra no seu seio diferentes interesses e jogos de poder, em que uns, os consagrados, controlando o acesso aos recursos financeiros, se arrogam o direito de legitimar (esteticamente) outros, os iniciandos que, sob consentimento daqueles, progressivamente passam a poder usufruir também desses bens. Consoante o lugar — central, periférico ou semi-periférico — que os mercados nacionais ou regionais ocupam na economia mundial, assim os campos correspondentes reproduzem uma hierarquia equivalente. Particularmente significativa deste espaçamento hierático é a relação de dependência, que perdura, dos campos literários das antigas possessões coloniais em relação aos das ex-metrópoles, por cujas instâncias de legitimação continua a passar a consagração e a projecção internacional dos artistas e escritores oriundos daquelas.

O conceito de *habitus* especifica, por sua vez, os termos da relação que se estabelece entre o mundo representado na obra e o mundo exterior ao entender que criatividade, sendo individualmente assumida, não deixa de traduzir uma memória colectiva de regras e de gostos que a torna entendível e apreciável a jusante, i.e., junto dos potenciais leitores, críticos literários, livreiros, etc. Estes reportam, pois, a criatividade em apreço aos valores e ao gosto estético inscritos na mesma memória colectiva. Nesta medida, eles não devem ser considerados como sujeitos passivos, mas sim activos. A este propósito, escreveu Bourdieu ‘o *habitus*, como indica a palavra é um conhecimento adquirido e também um *haber*, um capital [...] de um agente em acção’, a que acrescentaria, quer esta acção seja a da criação, quer seja a da fruição.<sup>4</sup>

A comunicação surge, nestes termos, como o factor decisivo na existência do campo literário. Sem um fruir comunicacional entre os diferentes actores em jogo, torna-se difícil concebê-lo como um todo, ou seja, como um sistema, conceito este que, sendo uma herança da cibernética, chega à teoria social pela mão de Talcott Parsons e desde então tem feito o seu caminho na Sociologia através de sociólogos como Niklas Luhmann e, de forma implícita, pelo próprio Pierre Bourdieu.

## 2. CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA VIDA LITERÁRIA DE MACAU

Procurando entender a vida literária de Macau sob esta perspectiva sistémica, interroguei-me em textos anteriores<sup>5</sup> sobre a virtualidade do conceito de campo literário para o entendimento daquela, assumindo que, não obstante a aposta em edições bilingues, existe um défice comunicacional entre aqueles que me pareciam ser os dois grupos de escritores mais significativos: os de língua chinesa, organizados, por vezes, em redes e sociedades literárias, como Chi Heng Lio, Joe Tang, F. Hua-Lin (pseudónimo de Kam Chiu Fung) ou Yao Feng (pseudónimo de Jingming Yao),<sup>6</sup> e os lusófonos,

### CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

cabendo nesta designação quer os escritores macaenses propriamente ditos, como Henrique de Senna Fernandes, Deolinda da Conceição ou José dos Santos Ferreira (Adé), quer os metropolitanos e demais escritores lusófonos a viverem no território ou que nele tenham vivido. A este subgrupo são geralmente associados, entre os escritores mais recentes, os nomes de Camilo Pessanha, Venceslau de Moraes, Manuel Teixeira, Benjamim Videira Pires, Rodrigo Leal de Carvalho, Fernanda Dias, Jorge Arrimar, etc.

Não havendo um campo literário em Macau, a tradição literária associada aos diferentes grupos etno-linguísticos em presença no território acaba por se sobrepor aos mecanismos de legitimação e de consagração que seriam, em princípio, devidos ao referido campo. Nestes termos, dificilmente a valorização da literatura produzida por escritores da comunidade macaense, sobretudo se a mesma é escrita em língua portuguesa, poderá fugir ao crivo da tradição literária portuguesa. Este confronto está, por sua vez, sujeito a termos de comparação que são, em si, desiguais por razões que se prendem, sobretudo, com a relação colonial subjacente. Desta decorrem duas situações, sendo que ambas representam subalternidade: a literatura em apreço é considerada como um caso de regionalismo ou, em alternativa, é pura e simplesmente ignorada pela vanguarda consagrada e legitimadora do campo literário metropolitano. Henrique de Senna Fernandes experimentou esta desconsideração, se não discriminação, expressando-a com mágoa. À pergunta se tinha contacto com os escritores metropolitanos, respondeu:

*Não tenho. Eles não me procuram a mim e eu não os procuro a eles. Isso ia parecer que eu estou a mendigar e eu não mendigo nada. Não sou orgulhoso, sou uma pessoa simples, mas tenho de manter a minha dignidade. Eles que me procurem, nós estamos à mesma distância. Eu sou de Macau e eles de lá.<sup>7</sup>*

### 3. O MODELO LUSÓFONO

Este quadro de subalternização foi, a seu tempo, experienciado em todos os territórios colonizados. A reversão começou por ter início no Brasil com o advento do modernismo na Semana de Arte Moderna, acontecida em 1922, em São Paulo, e, por extensão, numa dimensão mais regional, no Recife, pela mão de um punhado de intelectuais e escritores reunidos em torno da especificidade cultural e histórica do nordeste brasileiro, num movimento que ficou conhecido como Regionalismo Brasileiro.

Nas colónias africanas, a reversão começou a dar-se um pouco mais tarde, em finais dos anos 40 do século passado, aquando da emergência dos nacionalismos, sendo que pelo menos dois desses nacionalismos, o cabo-verdiano e o angolano, foram antecidos por movimentos modernistas (em fins dos anos 30, em Cabo Verde, e dos anos 40, em Angola). Do conjunto destas reacções, a que se deve juntar a influência de movimentos de índole reivindicativa negra, como sejam o pan-africanismo e a negritude, assim como o marxismo que informou, na teoria e na prática, alguns dos movimentos de libertação que conduziram os respectivos países à independência, conduziu à formação de literaturas nacionais. Se, no que respeita à literatura brasileira, o corte com as instâncias legitimadoras da antiga metrópole foi quase total, o mesmo não pode ser mencionado a respeito dos universos literários africanos. Não obstante a autonomia alcançada, os campos literários destes países mantiveram e mantêm um estado de relativa dependência em relação às instâncias da consagração portuguesa que se estende ao próprio mercado livreiro.

Movimentos e acções idênticos não tiveram lugar em Macau, cuja história, no âmbito do que foi o Império Português, apresenta certas especificidades. O território nunca foi propriamente uma colónia nos termos em que foi Goa (leia-se também Damão, Diu e os territórios de Dadrá e Nagar Aveli), Brasil, Angola, Moçambique ou Timor-Leste. Ao longo dos cinco

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

séculos de presença portuguesa, com a excepção do período compreendido entre 1849 e 1976, em que esteve sob uma administração portuguesa ou próxima dela,<sup>8</sup> Macau foi um território de soberania partilhada entre a China e Portugal. O historiador Kai Cheong Fok desenvolveu, a propósito, a designação ‘Fórmula Macau’ que, traduzindo especificamente a tolerância do poder central e local chineses quanto à presença de portugueses em Macau no final da dinastia Ming, é extensível, por analogia, à presença portuguesa no território durante grande parte da dinastia que se seguiu, a dinastia Qing, em que os portugueses estiveram, na verdade, confinados a uma área reservada.<sup>9</sup> Após 1976, o Estatuto Orgânico de Macau então aprovado e a Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau (1993) consagram, por um lado, a autonomia administrativa do território e, por outro, formalizam o seu estatuto político de território chinês sob administração portuguesa. Em Dezembro de 1999, a administração do território foi transferida para a República Popular da China, mantendo o estatuto de Região Administrativa Especial da República Popular da China. Decorrente desta especificidade histórica, não grassou no território qualquer tipo de nacionalismo a não ser o que aconteceu por influência do nacionalismo continental que, a partir dos anos 20 do século XX, começa a ganhar expressão, mais como ‘challenge of the West, or rather of modernity’.<sup>10</sup>

Os benefícios respeitantes à autonomização estética proporcionada pelo nacionalismo nas restantes possessões ultramarinas não se fizeram, assim, sentir em Macau. A obra de Senna Fernandes não passou, porém, incólume à onda nacionalista vivida quer na antiga metrópole pelos estudantes ultramarinos que aí residiam e que se reuniam em torno da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa e Coimbra), quer nas diferentes colónias, atingindo, em termos culturais, maior expressividade em Angola, Cabo

Verde e Moçambique. O seu conto *A-Chan, A Tancareira* é testemunha disso. Recebeu o Prémio Fialho de Almeida dos Jogos Florais da Queima das Fitas de 1950 (Universidade de Coimbra) e, anos depois, foi publicado, enquanto livro, em Angola, mais precisamente no Lobito, pelos Cadernos Capricórnio, uma editora ou colecção de feição anti-colonial, comprometida com o nacionalismo angolano (mormente o representado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA), dirigida por Orlando de Albuquerque, viúvo de uma poeta maior da literatura angolana — Alda Lara.

A trama do conto desenrola-se em torno da relação amorosa entre A-Chan, uma tancareira, e um marinheiro metropolitano. Dessa relação resultou uma filha que o marinheiro, na hora de regressar a Portugal, decide levar consigo e A-Chan, dadas as circunstâncias da sua vida, abdica dos direitos de mãe e *salomonicamente* aceita que o companheiro assim proceda:

*Quando o apito estrugiu mais uma vez, Manuel estendeu os braços para a tancareira humilde. A-Chan mirou-o num instante e depois, suavemente, entregou-lhe a filha pequenina, murmurando numa derradeira solicitude maternal. Cuidadinho... cuidadinho...*<sup>11</sup>

O conto termina com o excerto acima transcrito. É um fim dramático. Sendo uma situação vivida em Macau, também podia sê-lo, nessa altura, em qualquer das colónias de África, onde casos tais foram mais do que recorrentes até à descolonização em meados dos anos 70 do século passado. Há, por conseguinte, um timbre anti-colonialista a percorrer a narrativa de HSF que não se diferencia dos poemas e demais textos produzidos pelos estudantes africanos comprometidos com o movimento nacionalista que frequentavam a Casa dos Estudantes do Império, quer em Lisboa, quer em Coimbra.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH



Fig. 2: Henrique de Senna Fernandes nos seus tempos de estudante na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra acompanhado do seu irmão Edmundo e do Carlos d'Assumpção, c. 1949. Arquivo da família Senna Fernandes.

Um dos estudantes que frequentava a casa dos Estudantes do Império em Coimbra era Agostinho Neto, o primeiro presidente da República Popular de Angola. HSF descreveu-me, numa das entrevistas que lhe fiz, um dos momentos em que conviveu com Neto:

*Eu conheci o Agostinho Neto. Lembro-me de andarmos [o HSF e o irmão] no grupo de Agostinho Neto aos sábados e aos domingos. [...] Quem diria que Agostinho Neto seria o homem do futuro de Angola. Falava-se das suas poesias e houve um dia em que fomos para a casa do Agostinho Neto, para a pensão dele. Éramos um grupo grande, uns doze ou mais [...]. O Agostinho Neto chamou-nos para nos sentarmos na cama dele e ficámos a ouvir versos, poesias lindíssimas recitadas pelo Carlos Wallenstein.*

Mas o conto, para além do timbre anti-colonialista que dele emerge, é também crítico do patriarcalismo, mormente do que emergia dos preceitos e das regras da

sociedade tradicional chinesa. O constrangimento que levou A-Chan a abdicar da sua condição de mãe não é, assim, apenas fruto da relação colonial. É igualmente, e quiçá de modo mais significativo, o resultado da sua história de vida numa China tradicionalista e profundamente injusta para as mulheres. A-Chan tinha sido vendida como escrava, *mui-chai*, à proprietária do tancá, episódio que terá contribuído igualmente para a sua atitude de submissão. Como escreveu Luís Gonzaga Gomes, ‘Na velha China, entre a classe remediada e a dos mandarins, a mulher era considerada como um ser inferior ao homem. A fim de ela se convencer do seu próprio mérito [...] proibiam-na, desde a idade dos sete anos, de dormir sobre a mesma esteira dos seus irmãos’.<sup>12</sup> Tais costumes nas classes mais baixas — segundo o mesmo autor — embora existissem, tendiam a não ser tão rígidos.

Na obra posterior, esta componente anti-colonial que aproxima a escrita de HSF do padrão lusófono, quase que desaparece. Diferente é o seu posicionamento crítico em relação à inferiorização da

## COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

mulher na sociedade tradicional chinesa. O início da história de vida de Leontina das Dores, personagem do seu último e póstumo romance, *Os Dores*, não é muito diferente do de A-Chan. Como esta também foi vendida a Floriano, membro de uma das boas famílias macaenses, sendo que, desta feita, a compra se tenha destinado a subtrair Leontina do estado de escravidão em que se encontrava. O facto de ser mestiça, (potencialmente) macaense, terá pesado na decisão de Floriano, que, movido por uma solidariedade étnica, decidiu a ‘compra’ nos seguintes termos: ‘Eu fico com ela. Se não é do meu sangue, é-o da minha gente.’<sup>13</sup>

Sendo este indicador étnico importante, seria injusto tomá-lo como isotópico da narrativa de HSF, pois o autor devota a todas as personagens femininas o mesmo apreço, sejam elas chinesas, como A-Leng, em *A Trança Feiticeira*, ou ocidentais, como Victoriana (Varapau-de-Osso), em *Amor e Dedinhos de Pé*. São todas mulheres corajosas, com vontade própria e, como tal, subversoras ou ‘transgressoras’,<sup>14</sup> como refere Maria Manuela Vale, das regras morais e sociais dos mundos a que pertencem. Macau, enquanto espaço de modernidade, é o lugar-comum que acolhe não só esses diferentes mundos, como também a sua subversão, a acção de mulheres corajosas e persistentes na defesa dos seus direitos.<sup>15</sup>

### 4. DIMENSÕES DA NARRATIVA DE HSF EM REVISTA

Procurei anteriormente (2006) sistematizar a obra de HSF em torno de três dimensões: a denúncia da *sombra*<sup>16</sup> colonial, a faceta autobiográfica e a exterioridade de timbre ocidental, que não deixou igualmente de protagonizar nas descrições que fez da sociedade chinesa. Porque as mesmas sintetizam muito do que a sua obra alcançou esteticamente, reter-me-ei no equacionamento das mesmas.

Quanto à primeira dimensão, a da denúncia da *sombra* colonial. A postura anti-colonial foi mais episódica do que estrutural,<sup>17</sup> devida, nomeadamente,

ao convívio com outros estudantes ultramarinos na Casa dos Estudantes do Império de Coimbra, a cuja direcção chegou a pertencer, mas dela se afastando porque os colegas seriam comunistas e ele era pró-americano.

No que respeita à segunda dimensão, a autobiográfica, ela é, porventura, a mais significativa da sua obra. Para além dos títulos e momentos discursivos onde ela é mais explícita, não deixa a mesma de estar igualmente presente nos três romances que escreveu. Personagens masculinas como Adozindo (em *A Trança Feiticeira*), Francisco da Mota Frontaria (em *Amor e Dedinhos de Pé*) ou Floriano Policarpo (em *Os Dores*), Macaenses de ‘gema’, são talhadas com um claro timbre autobiográfico. Regista-se, ao longo de cada uma das respectivas narrativas, uma mudança de carácter das personagens em questão que, em muito, terá a ver com a história de vida e o amadurecimento do próprio autor. No início, têm comportamentos despreocupados, vidas folgadas em termos financeiros, afinal, a vida do que hoje se designa por ‘meninos de bem’, sem qualquer tipo de preocupação em relação ao sistema político a que estavam, mesmo que subtilmente, submetidos, mas que, em última instância, lhes garantia o bem-estar enquanto ‘portugueses locais’. A partir da crítica ou autocrítica explícita a este tipo de comportamento, é plausível deduzir-se um afastamento em relação ao *statu quo* político.

Como Adozindo, personagem principal do romance *A Trança Feiticeira*, que casou com uma aguadeira — A-Leng, contra a vontade da família, também Henrique de Senna Fernandes desposou uma senhora chinesa que não era inicialmente do agrado da família.

No caso de Francisco da Mota Frontaria do *Amor e Dedinhos de Pé*, as semelhanças com o percurso de vida do autor não são tão evidentes em termos factológicos. Todavia, Francisco da Mota Frontaria era descendente de uma família de lorcheiros (de lorcha, veleiro de médio porte), que se tinham ‘distinguido no

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH



Fig. 3: Henrique de Senna Fernandes numa festa de aniversário em Macau, na companhia da esposa, da mãe Dona Zete, da irmã Lurdes e da filha Marina, c.1965. Arquivo da família Senna Fernandes.

tráfico de mercadorias [...] e na luta contra os piratas, no último quartel do século XVIII e na primeira metade do século XIX'.<sup>18</sup> HSF, num dos momentos em que o entrevistei, descreveu as suas origens nestes termos:

*A origem da minha família remonta a Portugal. Não sei qual era o nome do meu antepassado que veio para cá. Não sei se era Pedro? O certo é que ficou cá no século XVIII e fundou família, teve filhos... Nós somos descendentes desse Senna Fernandes do século XVIII.*

No que se refere à personagem Floriano Policarpo de *Os Dores* é igualmente possível estabelecerem-se analogias com a história de vida do autor, nomeadamente no que respeita à intenção de

estudar direito em Coimbra e regressar depois à terra natal, munido de uma licenciatura que lhe abriria outras portas profissionais. De referir que Floriano não concretizou o desejo e HSF pôde concretizá-lo.

A moldagem das personagens em apreço em função de dois momentos das suas vidas — o da despreocupação (nalguns casos, leviandade), num primeiro momento, e o da assunção dos deveres sociais, num segundo momento — traduz uma preocupação que não é apenas evidente na dimensão autobiográfica da obra. Ela é transversal a toda a obra, verificando-se, por conseguinte, nas restantes dimensões. Refiro-me à aproximação e à empatia do autor em relação à comunidade chinesa do território e, por via dela, ao Interior da China. A condição macaense é, nestes termos, eleita como plataforma de intermediação e convívio entre os portugueses da metrópole e os

## COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

chineses em prol, por um lado, de uma maior coesão social no território e, por outro, de uma procura de legitimação da própria comunidade macaense que não deixou (e não deixa) de ser estigmatizada por uma certa alogeneidade. O exercício da escrita em HSF, mas também nos outros escritores macaenses, tais como Deolinda da Conceição ou Adé, metamorfoseia-se, assim, na busca da *Heimat*, de uma pátria, invocando, por um lado, o conceito devido ao filósofo alemão Ernst Bloch e, por outro, indo ao encontro do que HSF entendia serem os seus grandes referentes identitários: se Portugal era a sua pátria, Macau era a sua pátria.

No que respeita à terceira dimensão, ao seu olhar ocidental sobre o mundo chinês, mormente o tradicional, mais do que Camilo Pessanha ou Wenceslau de Moraes, as suas descrições, algumas de sabor etnográfico, aproximam-no de Pearl Buck, escritora que, com os seus romances, contribuiu para a imagem da China que o Ocidente construiu na primeira metade do século XX; uma imagem ambivalente que tanto tinha de inferiorização, como de veneração pela ancestralidade de uma civilização antiga que, aos olhos ocidentais, não rimava propriamente com desenvolvimento tecnológico e com a ideia de progresso tal como o mesmo estava a ser experienciado no Ocidente.<sup>19</sup>

Na descrição da sociedade tradicional chinesa a partir de um ponto de observação exterior à realidade descrita, é HSF acompanhado e, quiçá de forma mais evidente, por Deolinda da Conceição.<sup>20</sup> O conto 'A Desforra dum China-Rico', incluído no volume *Nam Van*, é das narrativas mais exemplificativas desta hipotética exterioridade, sendo que a narrativa não deixa de mostrar, em assumida ambivalência, uma certa empatia com o mundo narrado, como, aliás, acontece com os romances de Pearl Buck. Tudo começa com uma viagem marítima do autor ou narrador entre Cantão e Macau no início da II Guerra Mundial em que vê, pela primeira vez, a personagem principal do

conto: '[...] um chinês alto e magro, de óculos escuros, encostado à amurada do navio.'<sup>21</sup>

Este casara com Pou In, filha de Leong '[...] dos barcos da carreira do delta',<sup>22</sup> por negociação entre as duas famílias. Descobre, a dada altura, que a mulher o traía com um famoso actor de teatro, chamado Wong. Sabendo das fraquezas do actor por mulheres, contrata uma mulher leprosa, sem qualquer vestígio exterior da doença, para o seduzir. Ela 'era como uma maçã exteriormente linda, mas toda podre por dentro'.<sup>23</sup> E assim a vingança se consumou. Aos dois amantes restou-lhes apenas a zona do Delta que 'servia de valhacouto de leprosos, expulsos de toda a parte, pelo pavor' de contágio que suscitava na população.<sup>24</sup>

A exterioridade em apreço manifesta-se na construção e descrição das personagens femininas; quer na de Pou In, mulher de um estrato social elevado, quer na de A-Yeng, que era escrava. Diferentemente do que acontece, por exemplo, com a personagem Victorina do romance *Amor e Dedinhos de Pé*, a psicologia daquelas é mais opaca, mais estandardizada. Victorina, como acontece com outras personagens referidas à comunidade macaense, é detentora de uma personalidade diversificada, activa, munida de vontade própria, propriedades que indiciam uma maior aproximação do narrador ao mundo narrado. Victorina é uma personagem do seu meio social, um meio que o autor/narrador conhece por dentro.

### 5. O PARADIGMA PÓS-COLONIAL

Retomando a discussão em torno dos possíveis indexantes da narrativa de HSF, o campo literário de Macau, a vertente orientalista da literatura portuguesa (que não deve ser confundida com literatura colonial, designação deveras circunscrita, no mundo de língua portuguesa, à literatura produzida a propósito da colonização em África) e a tradição literária lusófona, enquadrável no que se pode entender por cânone lusófono, há que tecer algumas considerações a propósito do chamado pós-colonialismo. A discussão em torno

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH



Fig 4: Ho Heong Sut (Teresa) no dia do seu casamento com Henrique de Senna Fernandes em 26 de Outubro de 1963, na casa dos sogros na Rua da Penha. Arquivo da família Senna Fernandes.

deste, seguindo o argumentário do presente ensaio, é, sobretudo, significativo para os indexantes relacionados com as tradições literárias portuguesa e lusófona.

O conceito em questão assume, numa primeira triagem, dois subsentidos básicos: um extensivo, que tem a ver com a periodização histórica e um segundo, mais abstracto e volátil, em que o conceito é ora entendido como paradigma ora como teoria. Em qualquer destas assunções, o pós-colonialismo tem vindo a assumir-se como uma instância epistemológica superior nas humanidades e nas ciências sociais, mormente no mundo anglo-saxónico e nas antigas metrópoles coloniais, condicionando conceptualizações, processos de investigação e metodologias. Um dos seus principais propósitos é o de recuperar a voz daqueles que, ao longo da história, a não tiveram. Espera-se deste processo, que é de contestação e de cariz intelectual e que,

enquanto tal, está na sequência de outros do mesmo teor, como sejam o pan-africanismo e a negritude, um reajustamento das epistemologias, trazendo para as instâncias do pensamento e da ciência as experiências de vida e de pensamento daqueles a quem tinha sido negado qualquer protagonismo no desempenho da história universal.

A crítica da arte e da literatura não só não tem passado ao lado desta volta epistemológica, como, na verdade, esteve na sua origem. Um dos textos fundacionais do pós-colonialismo é devido, precisamente, a Jean-Paul Sartre, *Orphée Noir*,<sup>25</sup> a introdução a uma antologia de poesia africana e malgaxe organizada por Léopold S. Senghor e publicada em 1948. Nem sempre o texto em questão é referido com este enfoque pelos defensores do pós-colonialismo, que, em seu lugar, têm dado primazia ao

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES



Fig. 5: Henrique de Senna Fernandes no seu escritório, c.1967. Arquivo da família Senna Fernandes.

livro *Os Condenados da Terra* (1961) de Frantz Fanon e, sobretudo, ao ensaio *Orientalism* (1978) de Edward W. Said. Se, do ensaio de Sartre, podemos colher a ideia de um ‘racismo anti-racista’ como forma de combater o racismo adjacente à relação colonial, no de Frantz Fanon condena-se o colonialismo e o expansionismo europeu nos seus efeitos despersonalizantes dos colonizados e no de Said critica-se a forma como a ciência e o pensamento ocidental estruturaram uma área do saber. O orientalismo, em que, a par do aprofundamento do conhecimento sobre as culturas e sociedades em apreço, inferiorizaram e desproviram essas mesmas culturas de facetas conducentes ao progresso.

O pós-colonialismo entendido nestes sentidos é, no fim, uma crítica à perpetuação da dominação colonial no domínio da cultura, uma réplica mais restritiva do que, nos meios marxistas, se definiu

e continua a definir como neo-colonialismo. O materialismo cultural implícito configura uma dependência que se manifesta, num primeiro plano, na desigualdade de oportunidades dos campos artísticos e literários das antigas colónias em relação aos das ex-metrópoles e, num segundo plano, na dificuldade de reconhecimento de artistas e escritores das antigas colónias junto das instâncias de legitimação dos campos metropolitanos que, no jogo do comércio desigual (leitura marxista), acabam por se posicionar como campos centrais.

Se esta dimensão do pós-colonialismo tem, de certa maneira, afectado a indexação e respectiva valorização da escrita de HSF quer à tradição literária portuguesa, quer à lusófona, em relação aos outros postulados do paradigma, a associação torna-se mais complexa e difícil. A dificuldade decorre da especificidade do território, em que a dominação

## CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

colonial apenas se fez sentir num período limitado e de forma mais formal do que informal. A língua portuguesa jamais assumiu qualquer posição de hegemonia ou mesmo de língua intermediária, conquanto fosse (e continue a ser) idioma oficial. Em sua substituição, emergiu — como vimos — o patuá, uma língua crioula falada pela comunidade macaense. Em termos geopolíticos, a China esteve sempre omnipresente em qualquer um dos momentos da história do território, dando a entender que por ela havia de passar o seu futuro. A problemática do racismo e da despersonalização do 'colonizado' não se colocou com a ênfase verificada em África ou mesmo na América Latina. Mesmo que alguns círculos europeus e ocidentais menos avisados procurassem desvalorizar a cultura chinesa, esse processo de inferiorização, pelo menos no que respeita à experiência portuguesa, esteve longe de atingir os níveis de discriminação atingidos nas colónias africanas e americanas. Na verdade, o colonialismo europeu numa parte significativa da Ásia, particularmente na China, foi periférico à dinâmica interna das respectivas sociedades e culturas. Assim sendo, o pós-colonialismo, enquanto

paradigma ou matriz analítica, pouca valia acrescenta à obra de HSF.

### A TÍTULO CONCLUSIVO

Henrique de Senna Fernandes é um escritor único. A sua obra vale por si. Inspirado no método crítico de Karl Popper, mormente no princípio da falseabilidade, num exercício de tentativa e erro (*trial and error*), sou levado a dar como verdadeira a proposição com que iniciei o ensaio: HSF é um escritor que vale por si. Sendo a sua obra centrada em Macau, considerando-se o próprio como um escritor de Macau, dando, nesse posicionamento, uma suposta expressão às vivências e aos anseios da comunidade macaense, à qual pertenceu, é também um escritor português, como também foi e é um escritor lusófono. No fim, nenhuma destas contextualizações se sobrepôs ao que, na verdade, foi HSF — um exímio contador de estórias, um ficcionista ímpar e um astuto construtor de diálogos, recurso estilístico este que ele tanto apreciava na ficção, como várias vezes me confessou.

Até um dia, Henrique de Senna Fernandes! **RC**

### NOTAS

- 1 Na verdade, a entrevista em apreço foi gravada em quatro momentos: em Junho de 1997, em Janeiro de 2002, em Junho de 2006 e, por fim, em Março de 2007. Porque os quatro registos apresentam continuidade e unidade, optei por razões práticas e metodológicas referenciar ao longo do ensaio apenas a data de 2007. Mais informo que, ao longo do nosso convívio, fui sempre dando ao escritor nota do que já estava gravado, ganhando, desta forma, a última versão da entrevista uma representatividade global.
- 2 A definição do conceito de paradigma em Thomas S. Kuhn tem proporcionado várias interpretações, como o reconhecem, entre outros, Douglas Eckberg e Lester Hill. Dois aspectos, porém, permanecem centrais ao conceito: the cognitive nature of the paradigms and the community structure in which they appear. Veja-se: Douglas Lee Eckberg e Lester Hill Jr., "The Paradigm Concept and Sociology: A Critical Review," *American Sociological Review* 44 (Dezembro 1979): 926.
- 3 O conceito é aplicável a outros domínios do social, como sejam o político e o económico. Sobre a génese deste conceito e do de *habitus*, cf. Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*, traduzido por Fernando Tomaz (Lisboa: DIFEL, 1989); Pierre Bourdieu, "Le champ littéraire," *Actes de La Recherche en Sciences Sociales* 89, n.º 4 (Setembro 1991): 4–46; Pierre Bourdieu, *Die verborgenen Mechanismen der Macht*. Schriften zu Politik & Kultur 1, traduzido por Jürgen Bolder e Ulrike Nordmann (Hamburgo: VSA-Verlag, 1992).
- 4 Bourdieu, *O Poder Simbólico*, 61.
- 5 José Carlos Venâncio, "O Escritor do Inconformismo Macaense: Henrique de Senna Fernandes," *Tempo Tribúio* 1 (2006): 78–92; José Carlos Venâncio, "A Literatura Macaense e a Obra de Henrique de Senna Fernandes. Um Olhar Histórico-Sociológico," *Revista de História das Ideias* 29 (2008): 691–702.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

- 6 Foi o director do Departamento de Português da Universidade de Macau e escreve também em português, constituindo, como tal, uma das excepções a este quadro de universos linguístico-literários separados.
- 7 Excertos da entrevista com Henrique de Senna Fernandes.
- 8 João de Pina-Cabral e Nelson Lourenço, *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993), 27; Zhidong Hao, *Macau History and Society* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2011), 40.
- 9 Na verdade, esta situação acaba por não ser específica de Macau. Encontramo-la durante o mercantilismo, por exemplo, no Reino de Daomé, na cidade de Uidá (ingl. Whidah), na costa ocidental africana, em que os comerciantes estrangeiros, entre os quais portugueses, também se encontravam adstritos a áreas reservadas.
- 10 Michael Yahuda, “The Changing Faces of Chinese Nationalism: The Dimensions of Statehood,” em *Asian Nationalism*, editado por Michel Leifer (Londres: Routledge, 2000), 25.
- 11 Henrique de Senna Fernandes, *A-Chan, A Tancareira* (Lobito: Cadernos Capricórnio, 1974), 20.
- 12 Luís Gonzaga Gomes, *Curiosidades de Macau Antiga*, 2.ª ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996), 159.
- 13 Henrique de Senna Fernandes, *Os Dores* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012), 19.
- 14 Com aspas no original.
- 15 Maria Manuela Vale, “A Escrita da Cidade e a Narrativa Macaense,” *Revista de Filologia Românica*, Anejos, vol. II (2001): 313.
- 16 Pretendo, com o uso do termo *sombra*, escrito em itálico, fazer, sobretudo, referência ao estatuto específico, já mencionado, que Macau teve ao longo dos séculos em que a presença portuguesa se fez sentir.
- 17 Não quer isto dizer que, ao longo da sua obra, não se registem pronunciamentos contra o regime salazarista. É o caso, por exemplo, do descontentamento em relação ao fim da Associação Escolar do Liceu com a chegada de um novo reitor no ano lectivo de 1941–1942 e com a introdução da Mocidade Portuguesa. Cf. Henrique de Senna Fernandes, *O Cinema em Macau: Desde o Início do Século XX até à Década de 30* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 2010), 223.
- 18 Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, 4.ª ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994), 13.
- 19 Na verdade, a China representou para o Ocidente, durante muito tempo, um autêntico enigma. Um dos autores ocidentais que esteve mais próximo de o desvendar, i.e., de descobrir o potencial tecnológico e científico da cultura chinesa, foi o sociólogo alemão Max Weber nos seus escritos de sociologia da religião, *Schriften zur Religionssoziologie* (1904–1920). Não deixou, porém, de descortinar no confucionismo, diferentemente do que fizera em relação à ética protestante, obstáculos ao desenvolvimento capitalista, apontando, nomeadamente, os valores tradicionais. No último quartel do Século XX, tal posicionamento começou a ser repensado devido ao desenvolvimento capitalista experienciado pelos chamados Tigres Asiáticos (Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul e Singapura), onde o confucionismo é dominante. Hoje, com o desenvolvimento patenteado pela China, torna-se ainda mais pertinente a revisão do olhar ocidental sobre este País.
- 20 António da Conceição Júnior, filho da escritora, não partilha propriamente desta opinião no prefácio que escreveu à 4.ª edição de *Cheong-Sam. A cabaia* não justificando, porém, a sua posição. Vejam-se Deolinda da Conceição, *Cheong-Sam: A Cabaia*, 4.ª ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente, 1995), 12; David Brookshaw, “Literatura Macaense,” em *DITEMA: Dicionário Temático de Macau*, editado por Rui Martins et al. vol. III (Macau: Universidade de Macau, 2011), 879.
- 21 A forma como o autor inicia este conto é um artifício estilístico recorrente noutros contos, por vezes de teor autobiográfico, como sejam os que constam do volume *Mong-Há*. Refiro-me especificamente às narrativas *Um Milagre de Natal*, *Yasmine* e *Ódio Velho não Dorme*, um dos seus contos (?) mais conseguidos do ponto de vista da textura narrativa. O recurso estilístico em referência reforça ainda mais aquela que é, porventura, a faceta mais significativa de escritor: a de contador de estórias. Veja-se: Henrique de Senna Fernandes, *Nam Van: Contos de Macau*, 2.ª ed. (Macau Instituto Cultural de Macau, 1997), 104.
- 22 Senna Fernandes, *Nam Van*, 108.
- 23 Senna Fernandes, *Nam Van*, 142.
- 24 Senna Fernandes, *Nam Van*, 105.
- 25 Trata-se do prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, de Léopold Sédar Senghor: o ‘racismo antiracista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça’ (*ce racisme antiraciste est le seul chemin qui puisse mener à l’abolition des différences de race*), cf. Jean-Paul Sartre, “Orphée Noir,” em *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, 3.ª ed., editado por Léopold Sédar Senghor (Paris: Quadrige; Presses Universitaires de France, 1997), XIV. Com esta postura, Sartre inicia uma linha de pensamento sobre a problemática do racismo dissonante do entendimento marxista, que levaria à formulação de um dos pressupostos subjacentes ao paradigma pós-colonial.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

BIBLIOGRAFIA

---

**Obras de Henrique de Senna Fernandes**

- Senna Fernandes, Henrique de. *A-Chan, A Tancareira*. Lobito: Cadernos Capricórnio, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Amor e Dedinhos de Pé*. 4.<sup>a</sup> ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Cinema em Macau: Desde o Início do Século XX até à Década de 30*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Mong-Há*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Nam Van: Contos de Macau*. 2.<sup>a</sup> ed. Macau Instituto Cultural de Macau, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Trança Feiticeira*. Lisboa: Fundação Oriente, 1993.

**Bibliografia Secundária**

- Bourdieu, Pierre. “Le Champ Littéraire.” *Actes de La Recherche en Sciences Sociales* 89, n.º 4 (Setembro 1991): 4–46.
- \_\_\_\_\_. *Die verborgenen Mechanismen der Macht. Schriften zu Politik & Kultur 1*. Traduzido por Jürgen Bolder e Ulrike Nordmann. Hamburgo: VSA-Verlag, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Traduzido por Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL, 1989.
- Brookshaw, David. “Literatura Macaense.” Em *DITEMA: Dicionário Temático de Macau*, editado por Rui Martins et al., 876–880. Vol. III, Macau: Universidade de Macau, 2011.
- Conceição, Deolinda da. *Cheong-Sam: A Cabaia*. 4.<sup>a</sup> ed. Macau: Instituto Cultural de Macau; Instituto Português do Oriente, 1995.
- Eckberg, Douglas Lee, e Lester Hill, Jr. “The Paradigm Concept and Sociology: A Critical Review.” *American Sociological Review* 44 (Dezembro 1979): 925–937.
- Fok, Kai Cheong. *Estudos sobre a Instalação dos Portugueses em Macau: Nota de Apresentação por Jorge M. Flores e Revisão da Tradução por Isabel Flores*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- Gomes, Luís Gonzaga. *Curiosidades de Macau Antiga*. 2.<sup>a</sup> ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996.
- Hao, Zhidong. *Macau History and Society*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2011.
- Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Chicago University Press, 1962.
- Pina-Cabral, João de, e Nelson Lourenço. *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.
- Popper, Karl. *A Lógica das Ciências Sociais*. 3.<sup>a</sup> ed. Traduzido por Estevão de R. Martins et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- Sartre, Jean-Paul. “Orphée Noir.” Em *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. 3.<sup>a</sup> ed. Editado por Léopold Sédar Senghor, IX–XLIV. Paris: Quadrige; Presses Universitaires de France, 1997.
- Vale, Maria Manuela. “A Escrita da Cidade e a Narrativa Macaense.” *Revista de Filologia Românica*, Anejos, Vol. II (2001): 301–322.
- Venâncio, José Carlos. “O Escritor do Inconformismo Macaense: Henrique de Senna Fernandes.” *Tempo Tribio* 1 (2006): 78–92.
- \_\_\_\_\_. “A Literatura Macaense e a Obra de Henrique de Senna Fernandes. Um Olhar Histórico-Sociológico.” *Revista de História das Ideias* 29 (2008): 691–702.
- Yahuda, Michael. “The Changing Faces of Chinese Nationalism: the Dimensions of Statehood.” Em *Asian Nationalism*, editado por Michel Leifer, 21–37. Londres: Routledge, 2000.